

DAS MARGENS DO EXPERIMENTAL À RELAÇÃO ENTRE VANGUARDA E CULTURA DE MASSA NOS POEMAS DE MOACY CIRNE

Alberione da Silva Medeiros¹(UFRN)
Katia Aily Franco de Camargo (UFRN)

RESUMO: O Poema/Processo é um movimento de vanguarda que surgiu de um grupo de estudiosos da Poesia Concreta no Rio Grande do Norte, na década de 1960. Os poetas/processo têm suas produções voltadas para a arte do experimental e do revolucionário (anti) literário, em desfavor dos movimentos institucionalizados e acadêmicos da época. Moacy Cirne fundou e participou ativamente da vanguarda, e tem poemas que foram produzidos por meio de procedimentos semióticos, advindos do pensamento vanguardista do poema/processo, em que partem de uma premissa de relação direta com as culturas de massa. Moacy foi um dos principais líderes do poema/processo e articulador nos contatos entre poetas e teorias dos representantes do movimento no Rio de Janeiro. Diante disso, este artigo pretende desenvolver um estudo analítico de alguns poemas em consonância com teorias que sustentam a condição marginal do poeta (seja no âmbito geográfico – partindo das margens do poder hegemônico político, social e literário – ou, das margens das práticas e dos grupos experimentalistas já consolidados no Brasil no final da década de 60 e começo de 70), e também no que diz respeito à relação da vanguarda do poema/processo com as culturas de massa. Para isso, fundamentaremos as análises a partir dos pensamentos de Antonio Candido em *Literatura e Sociedade* (2006), em conformidade com textos de Theodor Adorno e Walter Benjamim. Portanto, no uso de métodos e na ótica da Literatura Comparada, seguimos no objetivo de encontrar relações híbridas e análogas entre os poemas de Moacy, e a relação com as culturas de massa no contexto da época ditatorial em que se inseriu o movimento de vanguarda do poema/processo.

Palavras chave: Poema/Processo, Vanguarda e Culturas de massa.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Observatório da Educação, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES/Brasil.

Sobre o poeta

Moacy Cirne foi poeta, artista visual, escritor, crítico literário e professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). É considerado sumo estudioso brasileiro das histórias em quadrinhos, e lançou o Poema/Processo juntamente com outros poetas e pesquisadores da Poesia Concreta no Rio Grande do Norte.

Nasceu no distrito da Cidade de Jardim do Seridó/RN chamado São José da Bonita, que anos depois ficou independente e ganhou o nome de São José do Seridó. Entretanto, ainda quando criança se mudou com seus pais para Jardim do Seridó e em seguida para Caicó/RN, cidade na qual o poeta conheceu os quadrinhos, e o cinema, suas primeiras paixões artísticas. Transferiu-se para Natal em 1960, e no ano de 1964 ingressou no curso de Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Além disso, nos anos de 63/64 teve uma coluna no jornal Tribuna do Norte chamada “Mundo de Nós”, em que escrevia sobre cinema, em companhia do poeta e professor da UFRN, Paulo de Tarso. Em 1967, ano do lançamento do poema/processo, mudou-se para o Rio de Janeiro onde já participava ativamente da crítica literária e da política, com uma produção de poemas repletos de transgressões gráficos, visuais e verbais.

Não obstante, foi responsável pelo contato entre os poetas cariocas e potiguares do movimento vanguardista do poema/processo, e disseminou a teoria concretista de Wladimir Dias Pino no Rio Grande do Norte entre os estudiosos da poesia concreta, em que os poetas produziam e militavam concomitantemente na vanguarda.

No Rio de Janeiro, anos 70, publicou textos na *Tribuna da Imprensa* e no *Jornal do Brasil*. Em 1971 ingressou como professor no Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, em Niterói-RJ; e de 1971-1980 foi editor da *Revista de Cultura Vozes*, pertencente à editora “Vozes” em Petrópolis-RJ.

Sua produção bibliográfica é datada desde o lançamento do livro *A explosão criativa dos quadrinhos* (1970), posteriormente, publicou outras obras, tais como: *A Linguagem dos quadrinhos* (1971), *Para ler os quadrinhos* (1972), *Vanguarda um projeto semiológico* (1975), *A poesia e o poema do Rio Grande do Norte* (1979), *Uma introdução política aos quadrinhos* (1982), *A biblioteca de Caicó* (1983), *História e crítica dos quadrinhos brasileiros* (1990), *A Poética das águas* (2002), *69 poemas de Chico Doido de Caicó* (2002), *Cinema Cinema* (2003) e *A escrita dos quadrinhos* (2006) sendo todos estes voltados para a crítica literária. Na poesia, escreveu *Objetos verbais* (1979), *Cinema Pax* (1983), *Docemente experimental* (1988), *Qualquer tudo* (1993), *Continua na próxima* (1994), *Rio Vermelho* (1998), *A invenção de Caicó* (2004), *Almanaque do Balaio* (2006), *Poemas Inaugurais* (2007) e *Séridó Seridós* (2013).

Sendo assim, após ter sido diagnosticado que sofria de câncer, em 2013. Em um último momento, não resistindo a complicações em procedimento cirúrgico, teve uma parada cardíaca que o levou para o coma induzido, no qual passou pouco tempo, não resistiu e faleceu em Natal-RN no sábado dia 11 de Janeiro de 2014.

O Poeta das margens do experimental

Como visto antes, a produção poética de Moacy Cirne emerge de pesquisas realizadas da Poesia Concreta², e das margens de práticas experimentais por parte de representações de grupos concretistas, especificamente do eixo Rio - São Paulo, como o grupo *Noigrandes*³ e o movimento *Neoconcreto*⁴ encabeçados nas figuras dos Irmãos Augusto e Haroldo Campos em companhia de Décio Pignatari, e Ferreira Gullar, respectivamente.

Diante disso, às margens do eixo geográfico hegemônico político e literário da época, considerando-se a margem da margem, seja na crítica aos quadrinhos ou na construção poética, o poeta afirma – “Como o Balão⁵, à margem. À margem do quadrinho enlatado, à margem das consciências ingênuas, à margem da imprensa dominante. À margem da margem: por dentro das questões. Dos problemas: dos delírios.” (CIRNE, 1983, p.86). De fato, coexistiam outros bandos no âmbito do experimental, no qual o poeta/processo surgiu e de acordo com Roberto Schwarz (2014), muitos grupos desviavam-se do populismo, que na verdade era de onde emergia o experimentalismo, entretanto, na maioria das vezes a cultura se dispersa em obras isoladas, ou, alguns grupos de experimentalistas ganhavam destaque nas mídias, ao ermo.

Contudo, sua produção experimental radical segue a risca os conceitos do poema/processo no sentido de ir além da poesia concreta a partir de um radicalismo experimentalismo em que o espaço do poema é o espaço social que não se limita aos estruturalismos e às semióticas formais, voltando-se diretamente à realidade brasileira da época da ditadura. Moacy cria e publica seus poemas/processos em meio ao período de efervescência política social e, por conseguinte, na literatura e nas artes. Á vista

² Conforme *Teoria da Poesia Concreta*. Textos críticos e manifestos 1950-1960 / Augusto de Campos, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, 2006.

³ De acordo com o livro *Poesia Concreta /seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico* (1982, p) - Três amigos fundaram o grupo Noigrandes e lançaram uma revista com mesmo nome, tal grupo era composto por poetas paulistas que partiam da premissa de livre experimentação artística a partir da pesquisa de novas formas de expressão poética.

⁴ O Manifesto da vanguarda encontra-se, também, no livro *Vanguardas Europeias e Modernismo Brasileiro* (1996), de Gilberto Mendonça Teles.

⁵ Revista Pioneira com as vanguardas nos HQ no Brasil.

disso, produzia, digamos, numa fuga da realidade opressora, sem perder de vista o compromisso social da função artística. Vejamos uma citação de Antonio Candido em ⁶Literatura e Sociedade:

É o que vem sendo percebido ou intuído por vários estudiosos contemporâneos, que, ao se interessarem pelos fatores sociais e psíquicos, procuram vê-los como agentes da estrutura, não como enquadramento nem como matéria registrada pelo trabalho criador; e isto permite alinhá-los entre os fatores estéticos. (CÂNDIDO, 2006, p.16.)

A citação nos remete aos ideais do poema/processo que a partir dos estudos da poesia concreta fugiam dos conceitos estruturais do movimento que arraigado a tais premissas, era, muitas vezes, considerados como participantes de um movimento de caráter burguês.⁷

Vejamos um poema experimental publicado em *Objetos Verbais* (1979) que dialoga com o que foi exposto acima, numa perspectiva de evocar o consumidor/leitor a partir das aberturas semânticas experimentais voltadas não para as estruturas e formas do poema, mas para um experimental que não se detivesse ao ato de publicação do poema no sentido de consumo direto da obra em espaço marginal.

ANTIPROJETO N°6

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
7. faça uma salada tropical com as 120 mil palavras do aurelião.
8. junte à salada uma garrafa de murim. e um livro de zola.
9. sirva o poema bem gelado.

No Livro, *Um panfleto para Godard* (1986) os poemas demonstram o jogo de linguagens do poeta como também toda influência dos estudos concretistas realizados na vanguarda do poema/processo. Por exemplo, o poema “EIS O POEMA”

palavra liquida
que me caicó
à margem

⁶ A linguagem utilizada nas citações do trabalho é a original das obras, sem atualização da reforma ortográfica.

⁷ Ler o livro “Verdade Tropical” de Caetano Veloso, no capítulo sobre a poesia concreta.

dos rios barranova e seridó

goiaba manga e mangaba
nos limites da linguagem
miragem potiguar
da cidade

solar
milénar
sonhar

Na primeira parte do poema experimental, os primeiros versos do poeta vão de encontro com as teorias do poema/processo e suas influências dos estudos realizados sobre a poesia concreta, visto que, o experimentalismo proposto pelo poeta fundamenta-se “através do desencadeamento/desdobramentos de ações e projetos gráfico-visuais, que retrabalham o espaço significante: o espaço (concreto e real) da produção: a grafia dos signos e os processos funcionais” (CIRNE, 1983, p. 87). Sendo assim, se fizermos uma análise a partir do terceiro verso o termo *à margem* faz uma ligação direta entre os dois primeiros e os dois que seguem, numa perspectiva de representação das margens, de onde surgiu o poeta – *que me caicó... dos rios barranova e seridó* – e das margens do experimental - *palavra líquida... nos limites da linguagem... – (silêncio) – miragem potiguar* – evocando as memórias da cidade de Natal quando participava ativamente dos movimentos populares concomitante aos ideais da vanguarda na qual era um dos líderes. O poema/processo e seu radicalismo experimental não se harmonizam com os padrões hegemônicos que, segundo Moacyr Cirne (1983) são manipulados pela engrenagem operacional da cultura de massa.

à espera dos revolucionários
jardinários
chumchumbregando em noites cruvichanas
enquanto a palavra lambígua não vem
não vai
lambelambendo os ventos da manhã
manhã que se putálida
nos becos natalenses
onde o “palácio do governo”
era uma zona de rosas
e potengis
nas madrugadas bucetais
à sombra à sombra dos alecrins punhais

Portanto, a segunda parte do poema é composta de neologismos (advindos da influência da poesia concreta), além das aberturas semânticas articuladas com transgressões gráficas visuais (pois, se observarmos o poema na ótica da semiótica percebemos o desenho de uma grande interrogação, dando significado ao momento de tensão que assolava o Brasil) e verbais, no uso da pornografia que é uma característica constante no poeta marginal no uso efetivo do radicalismo experimental proposto por Moacy e o poema/processo. Por fim, à espera da revolução, e como um jardineiro revolucionário, o poeta/processo ironiza os processos ambíguos de outras vanguardas, que para si, estão estacionadas juntas às produções literárias no RN, que lambendo os ventos da revolução só observava a lida das putas do governo, no massacre intelecto-social pontiagudo imposto pelo sistema de poder, o poeta mantinha-se na sombra, às margens. Segue uma citação de Antonio Candido do texto *Literatura e Sociedade* na intenção de solidificar a função social do artista sem se deixar levar pelo mercadológico das estruturas dominantes e levando sua criação poética para o outro lado, às margens, saindo de Caicó, passando por Natal e chegando ao Rio de Janeiro como militante político-social, no uso de sua crítica e poesia.

O seu caráter mais peculiar, do ponto de vista sociológico, com importantes consequências no terreno estético, consiste na possibilidade que apresentam, mais que outros setores da cultura, de realização individual. Isto permite, ao mesmo tempo, uma ampla margem criadora e a possibilidade de incorporá-la ao patrimônio comum, fazendo do artista um intérprete de todos, através justamente do que tem de mais seu. (CANDIDO, 2006, p.80.)

Enfim, Moacy consciente da sua condição artística e social, não se esquivava em suas publicações das responsabilidades criativas propostas às margens do experimentalismo que já tinha força e destaque no cenário literário e político, porém, o poeta consegue expor de forma radical os problemas e tensões do contexto em que se inseriu a vanguarda do poema/processo em que fez parte e é considerado maior representante.

Theodor Adorno, em seu ensaio “*O artista como representante*” referindo-se à obra do escritor francês Paul Valéry, diz que a produção da indústria cultural invade há muito tempo o âmbito da reflexão estética, o que era um dos pontos combatidos na vanguarda que Moacy foi precursor, e que um dos objetivos era de dar continuidade com a poesia concreta praticada no Brasil, produzindo seus poemas não relacionados com as questões estéticas, e sim, com o contexto sócio político em que emergiu o movimento vanguardista.

O poema/processo, que tinha ligação direta com o Tropicalismo, e outros movimentos vanguardistas que não simpatizam com um “certo” caráter burguês dos concretistas, que se centralizava no eixo hegemônico do país no período ditatorial.

Portanto, segundo Adorno (2003), ao apontar o conteúdo histórico e social da obra - a produção ameaça-se se polarizar entre os estéreis administradores dos valores eternos, de um lado, e os poetas da desgraça de outro, aos quais às vezes caberia perguntar se aprovam os campos de concentração como locais de encontro com o nada. Este, mais um ponto de negação dos vanguardistas no combate às culturas de massas através de poemas e canções.

Da relação entre a Vanguarda e Cultura de Massa

O compromisso crítico e político do poeta e do poema/processo, com o materialismo histórico e a realidade brasileira, são traços marcantes nos poemas e obras do escritor estudado. Nesse sentido, o poeta evoca os leitores de massa, para que se tornem leitores críticos e participativos dos movimentos revolucionários.

Sendo assim, para Moacy

A vanguarda produtiva supõe uma prática revolucionária e uma crítica nova, a semiologia materialista supõe igualmente uma prática revolucionária, pensamos esta crítica como uma resposta concreta aos estudos marxistas, semióticos e políticos efetuados pelo poema/processo, que tem origem nos clássicos marxistas e passa pelos problemas sociais, econômicos, políticos e culturais que passava o Brasil. (CIRNE, 1983, p.09).

Diante disso, a luta da vanguarda contra o formalismo imposto pelas classes dominantes deve-se em parte, a insensibilidade política e social. Contudo, analisaremos um poema coletivo, de ressonâncias visuais, sonoras e ambientais, que se transcende na emoção, e volta-se para o poema experimental, focando em outro referencial teórico que não seja o estético.

POEMA PARA SER QUEIMADO

(Projeto: 1968)

(Versão: 1987)

1. Adquirar, ou fazer você mesmo, uma bandeira dos estados unidos da América, de qualquer formato e/ou dimensão. O material deverá ser inflamável.

2. em praça pública, à tarde ou à noite, ou de manhã, não importa a hora, não importa o lugar,

toque fogo
na bandeira

poderá ser ao som de “podres poderes”,

de caetano.

3. o poema só existirá como

poema

no exato momento em que estiver sendo consumido pelas
chamas.

4. sempre haverá alguém a pensar em bachelard: “com
o fogo tudo se modifica, quando queremos que tudo se
modifique apelamos para o fogo”.

5. se preferir levar a bandeira para casa ou para o
trabalho – guardando-a (ou não) -, não se terá conser-
vado um **poema**, mas um simples signo do imperia-
lismo norte-americano.

6. neste caso, eis o melhor a fazer: tomar coca-cola, es-
tupidamente quente, com pimenta malagueta:
a pausa que meleca.

7. já o poema,
Enquanto o poema,
Será dedicado a
Clemente padín,
latino-americano
como todos
nós.

Por fim, faremos uma breve análise dos pontos enumerados no poema para ser
queimado do livro *Docemente Experimental* (1988) com o desígnio de validar os traços
da vanguarda do poema/processo em dialogo direto com as culturas de massas na
denúncia do consumismo, da inovação poética do período e, principalmente, da
convocação do consumidor/leitor por meio de uma nova linguagem, no sentido de dar
continuidade aos conceitos concretistas, antes estudados pelos poetas/processo, como
prática final do consumo das massas, sendo neoconcreto no que diz respeito ao dito
último ato do poema, ou seja, o encerramento estrutural no ato de publicação.

Em *Verdade Tropical* (1997) Caetano Veloso enfatiza que o grupo da poesia
concreta no Brasil não é um movimento de vanguarda que buscava atingir as massas,
mas como um movimento de cunho burguês (o poema/processo já fazia essa denúncia
na mesma época), por outro lado, Moacy tem suas produções voltadas para a
explanção das problemáticas sociais, como citado antes, muitos poemas em sua
estrutura visual nos remetem a uma forma do sinal gráfico de interrogação. Segue a
citação em que o cantor fala do contato com diferentes grupos e que diferencia os
concretistas de outros vanguardistas que se relacionavam diretamente com as culturas
de massa, em suas produções, como o poema/processo no qual Moacy Cirne foi o
principal líder e disseminador.

As revistas, os livros e os artigos que Augusto me dava circulavam entre os membros dessa comunidade. E o perfil dos concretistas ia se tornando mais nítido para mim. Eles próprios - porque Augusto me apresentara a Haroldo e Décio - passaram a freqüentar o 2002 com certa assiduidade. Suas visitas, no entanto, eram de natureza diferente das feitas por Agripino, os Mutantes, Gil ou mesmo Rogério e Hélio Oiticica: os poetas concretos telefonavam antes, marcavam hora, enfim, cumpriam as formalidades ditas burguesas, enquanto os desbundados entravam e saíam de nossa casa sem aviso, como se vivêssemos em regime comunitário. (VELOSO, 1997, p. 151-152)

Enfim, tratando-se do poema dos pontos enumerados como ações a serem realizadas pelo foco do poeta, sendo este advindo de teorias e direcionados a um público marginal, lembrando que é um projeto de 1968 e a versão é de 1988. O ponto um e o ponto dois Moacy convoca ao consumo, um consumidor/leitor que se torne produtor da ação de manifesto, como diz Antonio Candido (2000) em uso da função social do artista, ou como, por exemplo, quando o poeta “entende a precisão de trabalho artístico, mas ao mesmo tempo alguém que esse processo reflete de modo tão feliz, que isso se reverte em intuição teórica.” (ADORNO, 2003, p.155), com apoio de imediato do som tropicalista de *podres poderes* de Caetano.

No terceiro ponto, o ato de consumo é apresentado como uma necessidade seja para o processo do poema (haja vista que o poema só existirá se consumido pelas chamas) e para participação do consumidor de forma que a existência do poema se dá no ato de manifestação contra o poder hegemônico ao queimar o maior símbolo da pátria, a bandeira.

Segue o quarto ponto, que surge com uma citação a Bachelard, no ensejo das mudanças do âmbito sócio/cultural do país, a partir do fogo que consome, o poema é representado pelo fogo que derrubaria o também fogo dos sistemas totalitários nos quais militava a vanguarda em que Moacy encabeçava. Sendo assim, Thodor W. Adorno (2003) quando trata do teor social da obra de Valéry é complacente das denúncias em relação às culturas de massas presentes nos poemas analisados. E reforça o alemão:

Ele constitui a antítese às mudanças antropológicas que ocorre no interior das culturas de massas na era industrial tardia, guiadas por regimes totalitários ou corporações gigantescas, que reduzem os homens a meros aparatos receptores e pontos de referência de *conditioned reflex*, preparando assim o caminho para um estado de dominação cega e nova barbárie. (ADORNO, 2003, p.163.)

Na sequência, o quinto e o sexto ponto faz menção direta com à relação da vanguarda do poema/processo com as culturas de massa, pois, o poeta, de posse das premissas e teorias, em conjunto com o exercício do papel artístico em delação de como as culturas de massa mantêm o sistema hegemônico, e no jogo de linguagem em que o signo do imperialismo encontra o consumidor das massas imposta pelo poder hegemônico. No ponto seguinte cita uma famosa marca de refrigerante (grande ícone do consumismo) e fica claro que ao realizar os processos contrários do pensamento vanguardista do poema/processo, uma vez que não seria considerado um poema, e sim, como afirma o poeta – um simples signo do imperialismo norte-americano.

Portanto, os pontos analisados acima demonstram aos consumidores/leitores, como grupos distintos, uma vez que, trata-se em primeiro momento de um grupo revolucionário na cobiça por mudanças, e outro que vai do consumismo ao conformismo sócio-político no contexto de revoluções que vivia o país. Diante disso, Antonio Candido (2000) afirma:

Com efeito, o escritor se habituou a produzir para públicos simpáticos, mas restritos, e a contar com a aprovação dos grupos dirigentes, igualmente reduzidos. Ora, esta circunstância, ligada à esmagadora maioria de iletrados que ainda hoje caracteriza o país, nunca lhe permitiu diálogo efetivo com a massa, ou com um público de leitores suficientemente vasto para substituir o apoio e o estímulo de pequenas elites. Ao mesmo tempo, a pobreza cultural destas nunca permitiu a formação de uma literatura complexa, de qualidade rara, salvo as devidas exceções. (CÂNDIDO, 2000, p.95)

Logo assim, o sétimo e último ponto evidencia as influências concretistas, no uso da metalinguagem e eleva os ideais vanguardistas quando o poeta homenageia Clemente Padín, poeta e artista gráfico uruguaio.

Portanto, no que diz respeito às vanguardas e a época de efervescência no âmbito sócio/cultural e político no Brasil, sendo este, o contexto no qual se inseriu o poema/processo, o tropicalismo e outros movimentos artísticos que militavam concomitantemente em desfavor do poder hegemônico que tiranizavam as massas, Moacyr Cirne, em sua prática poética, tem vasta produção neste campo de atuação e escrita. A relação da vanguarda com as culturas de massa se faz presente em toda a produção como poeta e crítico, da mesma maneira que representa as margens, a partir de novas práticas experimentais que surge fora do eixo hegemônico e dos grupos experimentalistas solidificados pelas classes sociais e literárias da época.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura**. Tradução e apresentação de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades. Ed.34, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. Vários escritos: **O Direito à literatura**. São Paulo: Duas cidades 1995.

CIRNE, Moacy. Vanguarda: **Um projeto semiológico**. Petrópolis: Vozes, 1975.

CIRNE, Moacy. A biblioteca de Caicó: **ensaios sobre vanguarda, semiologia e cultura de massa**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1983.

CIRNE, Moacy. **Continua na próxima**. Rio de Janeiro: Leviatã Publicações, 1994.

SCHWARTZ, Jorge. **Vanguardas Latino-americanas**. São Paulo: EDUSP, 1995.

SCHWARZ, Roberto (org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguardas europeias e Modernismo brasileiro**. Petrópolis: vozes, 1977.

VELOSO, Caetano. **Verdade Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.